

Gurias na Física no Pampa

Eliade Lima [1], Carolina Brito[2] e Marcia C. Barbosa[2]

[1] Professora da Unipampa, Campus Uruguaiana

[2] Professora da UFRGS

Por que mulheres na física? Por que fazer física? Embora nossa sociedade seja completamente dependente de ciência e tecnologia, paradoxalmente não existe reconhecimento social a estas profissões. Quando fazia seu doutorado em física em Paris, Carolina Brito, atualmente docente do Instituto de Física da UFRGS, viveu uma história que ilustra o ponto. Ela foi a um chá de panelas e as mulheres falavam sobre suas profissões. Uma era médica, havia uma funcionária de banco, empresária, mestrande em luxo e Carolina que fazia um doutorado em física. "Física?! Mas para que serve isto?!", perguntou a mestrande em luxo. O espanto da menina foi grande, mas o fato mais surpreendente desta história é que a única pessoa que precisou justificar porque fazia o que fazia foi a única cientista da mesa, como se todas as demais profissões fossem "autoexplicativas". Afinal, todo mundo sabe para que serve uma joia cara mas parece não entender que um smartphone é fruto de muita ciência básica transformada em tecnologia.

Mudar a percepção de jovens meninas com relação a estas áreas para atraí-las para estes cursos é um dos objetivos do projeto "Meninas na Ciência" [1], projeto de extensão do Instituto de Física da UFRGS coordenado por Carolina e Daniela Pavani. Junto com alunas e alunos de graduação da UFRGS, as professoras fazem oficinas de ciência em escolas, debates sobre questões de gênero, levam as meninas à universidade para conhecer laboratórios, ministram cursos de formação sobre ciência e gênero a professores da rede pública de ensino, fazem campanhas para denunciar o machismo, pesquisam e produzem filmes curtos intitulados "Lugar de Mulher" [2] em parceria com a UFRGS-TV. Desde 2013 o projeto trabalhou com mais de 2000 alunas e alunos, atingiu cerca de 500 professores, levou mais de 200 meninas para a UFRGS, publicou artigos e produziu 50 filmes.

Sofia de Sá Guse ingressou no curso de física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2016. As poucas meninas do curso se uniam e realizavam as aulas de laboratório juntas. Um dia, as outras meninas não vieram à aula e ela estava sozinha. Teve que se

juntar a um grupo de meninos para realizar o experimento. Eles, subestimando a capacidade de Sofia, a excluíram do grupo, realizando todo o experimento sem dar oportunidade alguma para ela participar. Aliás, esta atitude de esperar que gurias não sejam competentes nas aulas de laboratório, foi bem demonstrada no projeto #EsseÉMeuColega e #EsseÉMeuProfessor do Meninas na Ciência [3]. No mesmo ano de seu ingresso, Sofia, durante o Portas Abertas da UFRGS, conheceu o projeto Meninas na Ciência onde aprendeu que não está sozinha, mas que precisa apoiar outras meninas e ser apoiada por elas. Iniciou sua participação no projeto assessorando uma colega mais experiente nos inúmeros projetos, inclusive em um em que atuava com aulas de robótica em uma escola de nível médio. Aprendeu durante estes anos que tem vez e voz e hoje atua no projeto coordenando a atividade.

Helena Ribas, estudante de Ensino Médio de uma escola pública de Uruguaiana, região fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, sonhava em ser engenheira civil. Mas como isso “não é coisa de mulher”, a família dela dizia que ela tinha que seguir a carreira de enfermeira. O curso além de feminino é conveniente, pois é ofertado na própria cidade de sua residência. Eliade Lima, Astrofísica, docente da UNIPAMPA e coordenadora do grupo Cientistas do Pampa desenvolve nesta mesma escola, o projeto Energéticas [4], que visa incentivar a entrada de meninas nas áreas das ciências exatas por meio da produção de protótipos de energias renováveis e rodas de conversas entre as meninas participantes e mulheres cientistas das mais diversas áreas. Uma das ações do projeto foi uma fala das Cientistas do Pampa com os pais das meninas participantes do projeto. Neste momento, os familiares ficaram sabendo pela primeira vez que suas filhas poderiam ser o que elas quisessem e que inclusive poderiam alcançar posições importantes dentro das áreas que estes julgavam imprópria para meninas.

Helena, depois da palestra das Cientistas do Pampa relata: “O projeto me trouxe vida novamente e vontade de voltar a sonhar. O passado se tornou futuro e o presente passou a brilhar. Sabe aquele apoio da família? Eu nunca tive, enquanto queria ser engenheira, minha família queria que eu atuasse na área da saúde. Sabe as cientistas? elas não são seres humanos, são anjos que Deus enviou para fazer com que a minha família entendesse o meu querer, e não é que conseguiram? Sou grata a cada uma das cientistas, principalmente por terem conseguido me dar um presente: O apoio da minha família.” O projeto das Cientistas do Pampa tem contado com o apoio de iniciativas como Elas nas Exatas [5] que dão o suporte para que meninas no sul do Brasil, em uma região

de fronteira possam sonhar em ser e realizar seus sonhos como cientistas.

Marcia Barbosa enquanto ouve as histórias de Sofia e de Helena pensa na solidão de ser uma mulher na física. Lá se vão quarenta anos de seu ingresso na graduação de física. Na sua juventude, no entanto, as meninas ou sofriam caladas ou naturalizavam as piadinhas de professores e colegas. Este problema continua atual. Meninas são 12% mais propensas a desistir do doutorado em áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática do que os homens [6]. Muitas são as razões para isto, mas a atitude não pode ser negar o problema. Quando Marcia era jovem, ela como tantas outras cientistas pensava que o Brasil tinha outras urgências como lutar contra a ditadura, estabelecer a infraestrutura de pesquisa, fazer com que a população compreendesse o valor de ciência. Ela, no entanto, percebeu que não há democracia sem que haja mulheres na ciência, não há ciência eficiente sem diversidade. Ouve encantada a narrativa de tantas Sofias que, graças à sororidade, ganharam voz e vez. Hoje as gurias na física do pampa não se sentem mais sozinhas. Recebem apoio não somente nos projetos Meninas na Ciência e Cientistas do Pampa [4], mas igualmente de outras iniciativas como Cientista Aprendiz [7], Meninas Olímpicas [8]. Elas se espalham por todos os campus e escolas. São o reflexo do poder da diversidade. E as gurias de outros estados? Para conhecer suas histórias é só esperar. Esta história continua neste blog nos próximos meses.

[1] www.facebook.com/meninasnacienciaufrgs

[2] https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/?page_id=14

[3] https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/?page_id=445

[4] <https://cientistasdopampa.wixsite.com/elasporelas>

[5] <http://www.fundosocialelas.org/elasnasexatas/elas-nas-exatas>

[6] <https://www.nber.org/papers/w25028.pdf>

[7] <http://www.ufn.edu.br/site/pesquisa/cientista-aprendiz>

[8] <https://www.facebook.com/meninas.olimpicas/>